

Artes e Espetáculos

FOTO: ANA BRUNO/ODONTOLOGIA



Carla Marins e Fernando Alves Pinto

FOTO: R. BUSTACCA



João Vitti e Carla Marins dividem o palco



Vitti e Tânia Pires: atores da primeira montagem



João Vitti na cena de O Pequeno Eyolf, de Ibsen

Festival Ibsen no Sesc

MÁRCIA ERTHAL
DO JORNAL DO COMÉRCIO

Começa nesta quinta-feira, 4, às 20h, o *Festival Centenário Ibsen*, que reunirá leituras dramatizadas dirigidas por diretores consagrados e palestras com estudiosos, ambos sempre às quintas-feiras de maio. Na sexta-feira, 5, tem início a segunda temporada no Rio do clássico *O Pequeno Eyolf*, texto inédito no Brasil do dramaturgo, com direção de Paulo de Moraes, que já foi visto por quase 15 mil pessoas desde que estreou no Rio, em 2004; depois faz temporadas em São Paulo e Brasília. Do Rio, a peça segue para Curitiba, em junho. O centenário de morte do escritor norueguês Henrik Ibsen (1828-1906) move também um festival previsto para agosto na Noruega, no qual a montagem de *O Pequeno Eyolf* foi indicada para representar a América Latina. O festival tem o apoio da Embaixada e do Consulado da Noruega.

Nesta segunda temporada o público verá, praticamente, uma nova versão da montagem. É que a peça teve atores substituídos e traz, agora, Fernando Alves Pinto e Carla Marins, mais atores que já estavam na primeira versão, como Tânia Pires, João Vitti e Nâshara. Além disso, até hoje a encenação ocorreu em teatros com palco italiano. No Espaço Sesc, será no teatro de arena, o que colabora para novas soluções cênicas. No palco, o público verá toda a cena tomada por um espelho d'água de 20 centímetros. A água faz alusão a um fiorde da Noruega, onde é comum esse estreito braço de mar na geografia, figura comum também na obra de Ibsen. Em linhas gerais, o *Festival Centenário Ibsen* servirá para descortinar um pouco mais da obra desse dramaturgo tão essencial para o teatro universal.

Escrito em 1894, o texto do espetáculo teatral *O Pequeno Eyolf* trata da fase simbolista do dramaturgo. Na primeira montagem brasileira, a peça ganha a visão contemporânea do diretor Paulo de Moraes, da Armazém Cia. de Teatro.

"Nunca pensei em montar uma peça de Ibsen e só aceitei porque não é um dos textos realistas dele", diz Moraes, que também vê pontos em comum entre o trabalho que faz com a companhia e for a dela. "Dou a mesma liberdade de criação aos atores", afirma o diretor.

"O *Pequeno Eyolf* fala do individualismo e do egoísmo, mostra a nossa resistência em aceitar as falhas e as mudanças", detalha a atriz e produtora Tânia Pires. "A peça revela a hipocrisia e o materialismo da sociedade", completa. Tânia produz o espetáculo junto com Luciana Rodriguez. As duas convidaram o diretor Paulo de Moraes para a empreitada. "A nossa proposta era ter um diretor com uma visão moderna e atual para a leitura de um clássico", explica Luciana.

INVEJA, CIÚME, PODER E DESPREZO VÊM À TONA NA PEÇA O PEQUENO EYOLF

Na peça, o dramaturgo aborda os conflitos entre dois casais e o filho de um deles. Sentimentos como ciúme, inveja, poder e desprezo vêm à tona e delinham relações familiar e social neste espetáculo. Rita Allmers (Tânia Pires), mulher sedutora e proprietária de terra, é casada com Alfred Allmers (Fernando Alves Pinto), ex-professor e escritor que vive às suas custas. Essa relação desencadeada por uma forte atração sexual gerou um filho, Eyolf (Nâshara), hoje com 9 anos e que sofre de uma deficiência em uma das pernas. Asta Allmers (Carla Marins) é a meia-irmã de Alfred, que tem com ele uma relação de grande proximidade e dependência afetiva, o que causa o constante ciúme de Rita, que sustenta os dois e tem no poder seu grande aliado. Borgheim (João Vitti),



A nova versão da peça traz Fernando Alves Pinto e Carla Marins, que se somam ao antigo elenco

engenheiro e amigo da família, alimenta uma paixão por Asta não correspondida e tem muita afeição pelo menino. A rotina familiar é abalada pela visita inesperada de uma figura mítica da cidade, a Mulher dos Ratos (João Vitti), que provoca profundas mudanças na família.

"O texto reflete sobre a inércia e a nossa possibilidade real de mudança", diz o ator João Vitti. "A Mulher dos Ratos é uma personagem mítica e tem a ver com a cultura da época e com a visão da morte", conta. "Já Borgheim representa o otimismo, a valorização da vida e a superação dos obstáculos", completa.

As duas figuras simbólicas retratam e exemplificam uma das fases do escritor. Já Carla Marins destaca o lado doce e amoroso de sua personagem. "Asta vive uma relação complicada com o irmão; é quase um triângulo amoroso. Ela representa o lado maternal e de forma doce interfere nos relacionamentos", revela a atriz.

O cenário, assinado por Carla Berri e Paulo de Moraes, é constituído por um píer de madeira, onde um lago de verdade foi montado especialmente para o espetáculo. Maneco Quinderé, responsável pela iluminação cênica, embarca profundamente na concepção primorosa de Paulo de Moraes, que se aproveita desse resultado inspirando-se para fazer a trilha sonora.

ABERTURA COM LEITURA DRAMATIZADA

Na abertura do projeto, serão realizadas as palestras *Ibsen e Grieg - A Natureza Como Fonte de Inspiração*, sobre a obra de Ibsen com o Jan Gerhard, embaixador da Noruega no Brasil; e *Centenário Ibsen no Mundo*, com o estudioso Helge Rønning, membro do Comitê Centenário Ibsen na Noruega e professor sênior de Meios de Comunicação Social e Comunicação na Universidade de Oslo. No mesmo dia, o diretor Moacyr Góes inaugura o ciclo de leituras com a impactante *Solness, o Construtor*. As demais leituras dramatizadas serão *Um Inimigo do Povo*, direção de Eduardo Tolentino, no dia 11; *Hedda Gable*, direção de Moacyr Chaves, no dia 18; e *Quando Despertamos Entre Os Mortos*, direção de José Celso Martinez Corrêa, dia 25.

SERVIÇO

Festival Centenário Ibsen

Espaço Sesc

Rua Domingos Ferreira, 160 - Copacabana

Telefone: 2547-0160

Peça: sexta, às 21h; sábado e domingo, às 20h

Ingresso: R\$ 12

Ciclo de palestras e leituras dramatizadas: quintas-feiras

de maio, às 20h.

Entrada franca